

# O cerco às aparas contaminadas

Os técnicos do Ipen encontraram sinais de radiação nas aparas de papel que chegaram a três cidades. Mas, dizem, o nível de contaminação "é muito pequeno".

Os técnicos do Instituto de Pesquisas Energética e Nuclear (Ipen) confirmaram ontem suas suspeitas: as aparas de papel encontradas em São Carlos, Araras e Osasco apresentavam mesmo sinais de radiação. Mas o nível de contaminação é muito pequeno, e "não oferece nenhum risco", segundo eles. Agora, a preocupação da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) é de que outros materiais tenham saído da área contaminada antes do anúncio do acidente. Uma varredura radioativa está sendo feita em toda a cidade de Goiânia, à procura de novos focos de radiação.

Nos debates realizados ontem no Congresso de Radiologia, várias autoridades discutiram o acidente de Goiânia e concluíram que ele só aconteceu por "irresponsabilidade de diversos organismos". No final, deixaram claro que das 34 pessoas mais afetadas pelo céso-137 "a maioria irá morrer". "Quanto às 211 outras pessoas que foram atingidas em menor escala, deverão apresentar problemas físicos nos próximos anos."

Os dez pacientes que estão internados no Rio de Janeiro já estão apresentando problemas somáticos, ou seja, estão com o número de seus glóbulos brancos reduzido e terão de amputar alguns de seus membros. Dos 34 pacientes que foram mais contaminados, a probabilidade é que a maioria morra. Já os outros 211 que foram menos contaminados devem apresentar no futuro, dependendo da dose de radiação que receberam, casos de catarata, leucemia e câncer na tireóide — disse o presidente da Associação Brasileira de Física Médica, Homero Melo.

Segundo os testes feitos no Rio de Janeiro — aos quais o professor Homero Melo teve acesso —, grande parte dos 34 pacientes internados no hospital naval do Rio e em Goiânia apresentam uma dose de radiação de 600 a 1.000 rem em boa parte de seus corpos (o máximo que uma pessoa pode suportar por hora sem problemas é 2,5 rem). Nas mãos, a radiação chega a níveis ainda maiores. Com base nisso, a conclusão é que as autoridades chegaram a que poucas pessoas têm chances de sobreviver.

Com relação às pessoas que estão em Goiânia e foram contaminadas com uma quantidade menor, elas estão sendo acompanhadas. Isso porque deverão apresentar problemas no futuro. Elas receberam de 50 a 100 rem, e isso significa que terão problemas físicos e até mesmo genéticos.

Os problemas genéticos têm uma probabilidade de se manifestarem dentro dos próximos anos. Por isso, terá de ser feito um acompanhamento até o final da vida dessas pessoas. Agora, as mulheres contaminadas não estão necessariamente condenadas a nunca mais ter filhos. A radiação não atinge todo o aparelho genital. Pode ter atingido um óvulo, mas não todos. Assim, todas as gravidezes dessas mulheres contaminadas têm de ser seguidas — concluiu Homero Melo.

## Retirada do lixo

A preocupação dos físicos e autoridades que estiverem presentes nos debates está voltada agora para a rapidez com que devem ser realizados os trabalhos de retirada do lixo radioativo em Goiânia. Isso se explica: quanto mais tempo se demorar com o céso-137 no solo, mais ele se aprofundará na terra, podendo até mesmo atingir o lençol freático da cidade. "Mas mesmo que isso aconteça, não vai significar nenhum perigo para a população, pois o céso chegará em muito pouca quantidade. Aliás, nós já conseguimos recuperar boa parte do céso que foi liberado com o rompimento de sua fonte", afirmou o superintendente do Ipen, Cláudio Rodrigues.

Mas isso não significa que não iremos começar a retirada imediatamente de todo o material contaminado. Ele deverá ser transportado para a serra do Cachimbo, mas isso ainda não está decidido. Estamos pensando também em fazer boletins diários para saber se aumentou ou diminuiu a radiação — acrescentou ele.

Esses boletins seriam o resultado do monitoramento que os técnicos da CNEN estão fazendo em Goiânia e vão começar a realizar em São Paulo. Apesar de os índices encontrados nas aparas de papel serem muito baixos, a CNEN não quer mais correr riscos. Na terça-feira e ontem, os técnicos efetuaram monitoramento em cargas de papel nas cidades de São Paulo, Valinhos, Cordeirópolis, Osasco, Araras e São Carlos. Nas três primeiras cidades, os técnicos do Ipen liberaram as cargas. Não havia contaminação. Mas nas cargas de Araras, 5% apresentaram índice de radiação, assim como 1.800 quilos das 24 toneladas destinadas a Osasco. Mas a maior quantidade de papel contaminado foi encontrada em São Carlos. Dos 12 mil quilos de aparas, cinco mil quilos apresentaram contaminação.

Todo esse material será trazido para São Paulo, e vai ser depo-

sitado no sítio que temos no instituto para o acúmulo de material radioativo — disse Cláudio Rodrigues.

A entrada de material contaminado em São Paulo deixou a CNEN com uma grande dúvida: teria saído mais material dos ferros-velhos contaminados? "Existe essa possibilidade, mas é improvável que tenha acontecido. Isso porque os ferros-velhos acumulam suas sucatas de ferro e outros materiais por um longo período. Não temos informação sobre o que saiu antes de o acidente ter sido comunicado, por isso estamos rastreando a região. O que não podemos é rastrear todo o Brasil", concluiu Cláudio Rodrigues.

Há um certo receio entre os técnicos da Cnen de que possa se repetir o mesmo que houve no México em 1984. Lá, uma bomba de cobalto foi destruída em um ferro-velho e muitas barras de ferro foram contaminadas. Essas barras foram para os Estados Unidos e depois de algum tempo as casas construídas com esse ferro tiveram de ser destruídas e toda a área interditada.

Não acredito que poderemos chegar a um acidente igual. Mesmo porque o cobalto é uma substância diferente do céso. Como o céso é um cloreto (sal), dificilmente se alojará nos ferros, vidros ou plásticos — advertiu Homero Melo.

## Pacientes com medo

O presidente da Sociedade Brasileira de Radioterapia, Miguel Miziara, chegou a chocar os físicos e outras pessoas que estavam no debate ao anunciar que "muitos pacientes que estão se tratando com radioterapia estão fugindo por causa do medo que a notícia sobre o acidente em Goiânia causou neles. Todos pensam que vão se contaminar. Até mesmo os parentes desses pacientes estão se recusando a levá-los até os centros de radioterapia".

Segundo Miguel Miziara, o número de pacientes diminuiu em cerca de 40% nos últimos dias, apenas na cidade de São Paulo. Ele acha que é fundamental um trabalho de esclarecimento à população para que o medo desapareça. "É preciso ficar bem claro para os pacientes que se tratam com radioterapia ou outro de seus derivados que esses acidentes são comuns. Até 1983 tivemos apenas 17 casos fatais pela radiação, desde que ela foi implantada em nosso país", concluiu Homero Melo.

Fernando Lancha



Os caiapós: dança de guerra...

... em defesa da Serra do Cachimbo.

## O protesto dos caiapós no palácio de Sarney

Cerca de cem índios caiapós estiveram ontem diante do palácio do Planalto, em Brasília, protestando contra a possibilidade de o lixo atômico de Goiânia vir a ser depositado na serra do Cachimbo, região onde vivem mais de 1.500 índios. Os caiapós chegaram no início da tarde, antes de o presidente retornar do almoço. Com trajes e armas indígenas, eles encenaram a "dança de guerra", embora o cacique Raoni afirmasse que eles estavam em missão de paz. Avisado

com antecedência da presença dos índios, o presidente Sarney entrou no palácio pela porta dos fundos.

Quando uma comissão de cinco índios tentou entrar no palácio para falar com o ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, os seguranças não permitiram. Segundo o cacique Raoni, os índios tinham uma audiência marcada com Costa Couto. Depois de esperar durante quase uma hora por uma resposta do chefe do Gabinete Civil, os índios foram surpreendi-

dos com a presença do presidente da Funai, Romero Jucá Filho, que tentou, em vão, levar a comissão até o gabinete do ministro.

Mesmo depois de conversar várias vezes por telefone com Costa Couto, Romero Jucá Filho não conseguiu a audiência, mas obteve a garantia de que o lixo atômico de Goiânia não irá para a serra do Cachimbo. Em clima de festa, os índios caiapós resolveram comemorar ali mesmo em frente do palácio.

## Uma advertência: pode ter havido outros casos.

"Muitos acidentes semelhantes ao de Goiânia, embora de menores proporções, podem já ter acontecido em São Paulo sem que as pessoas atingidas tivessem informação sobre a contaminação. Funcionários incapacitados ou desprotegidos podem estar manipulando material radioativo nas fontes que existem no Estado. E, até hoje, a CNEN não revelou o número dessas fontes."

Para esclarecer dúvidas e obter o maior número possível de informações sobre o perigo dessas fontes e os cuidados técnicos a que

estão submetidas, o deputado estadual Walter Lazzarini, do PMDB, encaminhou ontem pedido de instauração de uma Comissão Especial de Inquérito ao presidente da Assembléia, deputado Luiz Máximo.

No requerimento para a constituição da CEI, endossado por 34 deputados do PMDB, PT, PDS, PTB e PFL, Lazzarini enfatiza que "em nenhum momento se deixou de reconhecer a utilização da energia nuclear para fins pacíficos na Medicina e em outras aplicações industriais". Porém, destaca: "Sem-

pre me manifestei contra o uso da energia nuclear porque, através dela, o País pode caminhar para atividades não-pacíficas. Isso depende do tipo de governo que se tenha e dos objetivos desse governo. Não podemos esquecer, entretanto, que ainda somos tutelados pelos militares".

Walter Lazzarini acredita que muitos acidentes já aconteceram em São Paulo: "Mas esses acidentes podem ter passado despercebidos, pois a contaminação ocorreu em doses baixas, geralmente envolvendo as classes mais pobres".

## O pedido dos cientistas: mudanças na CNEN.

No mesmo mês em que a Presidência da República liberou um crédito suplementar de Cz\$ 450 milhões para o Conselho de Segurança Nacional investir em "ciência e tecnologia", a liberação de 50 ou mais gramas de céso-137 em Goiânia "demonstra que a proteção da população não é prioridade de um governo que confunde a fabricação de bombas atômicas com desenvolvimento científico e social da Nação", segundo o vice-presidente da SBPC, o físico Enio Candotti.

"Onde fiscal e fiscalizado se confundem, o episódio dos ferros-velhos de Goiânia não é acidental ou surpreendente. Cubatão, Alcoa/São Luiz, Salgema/Maceió, Balbina/Manaus a qualquer momento podem gerar Goiânias. Cabe, sem ilusões, à sociedade, lutar pela sua segurança; insistir e cobrar as de-

vidas responsabilidades" — acrescenta o cientista.

A SBPC considera fundamental "uma revisão em profundidade do sistema de proteção radiológica nacional, que está a cargo da CNEN". Segundo o presidente da Sociedade Brasileira de Física, Gil da Costa Marques, é urgente a necessidade de mudar a CNEN e promover a separação da função de regulamentação e fiscalização das instalações nucleares da de desenvolvimento da tecnologia nuclear, acumuladas pela Comissão — seja através da criação da Comissão Nacional de Radioterapia e Segurança Nuclear, como sugeriu o ministro de Ciência e Tecnologia, ou através de outras maneiras que vêm sendo defendidas pela SBPC desde a assinatura do Acordo Brasil-Alemanha.

A decisão de se descentralizar e entregar aos estados a tarefa de fiscalizar e criar os seus próprios lixões atômicos, por outro lado, é vista não apenas como uma confissão de culpa das autoridades quanto à incompetência da CNEN, mas, igualmente, como uma tentativa de diluir responsabilidades e disseminar cemitérios clandestinos e perigosos de rejeitos radioativos pelo País afora. O fato de o Conselho de Segurança Nacional ser tratado como agência científica, para fins orçamentários, e do governo se opor à aplicação de inspeções internacionais ao processo de enriquecimento do urânio "demonstram que, enquanto a nuclearização militar avança, a segurança da Nação decresce vertiginosamente, tornando o desastre de Goiânia o primeiro. E não o último".